

“UM MINUCIOSO E DESTEMIDO INVENTÁRIO MORAL!”

Ao chegar neste mundo, a Criação nos presenteou com instintos naturais por alguma razão. Sem eles não seríamos seres humanos completos. Se não nos esforçássemos a fim que nos sentíssemos seguros, se não conseguíssemos alimento ou abrigo, se não multiplicássemos, se não adquiríssemos os instintos sociais naturais. Se não nos interessássemos pelo convívio com nosso semelhante, não haveria sociedade, portanto, os desejos pelo sexo, pela segurança financeira, pela estabilidade emocional e espiritual, pelas premissas necessidades naturais só terão sentido se estivermos convictos que são oriundas de um Poder Superior, um Deus na concepção de cada um. Se não fossem esses instintos, certamente não sobreviveríamos e a vida não teria sentido.

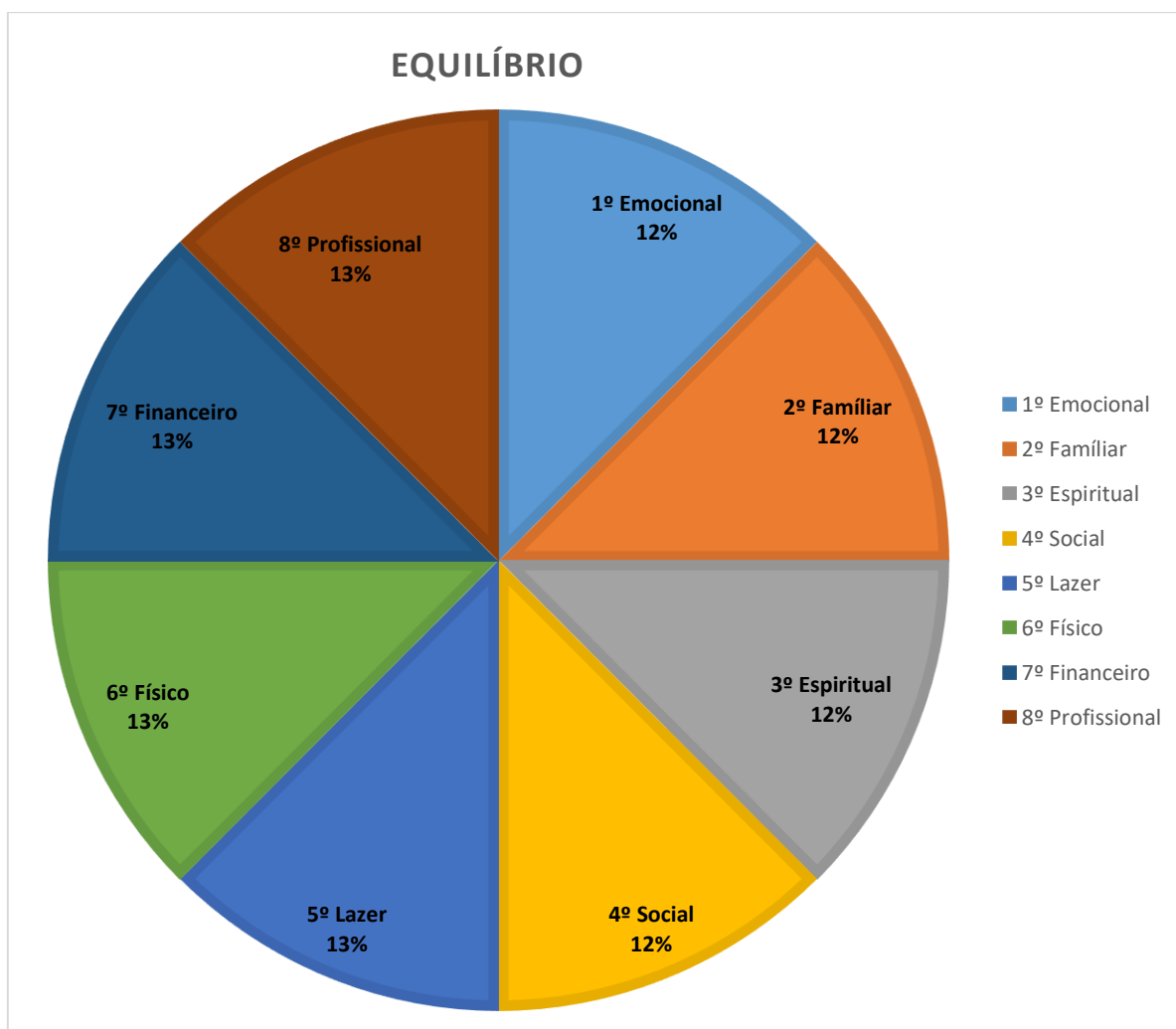
Contudo, esses instintos primários para nossa existência, frequentemente são distorcidos em suas funções, graça à liberdade, ao livre arbítrio oferecido a nós por esse mesmo Poder Superior e distorcidos de maneira inconsciente, incoerente e cegamente na sua maioria das vezes. De maneira simultânea, impulsionado a um instinto de certa preferência, egocêntrico e impiedoso, que nos domina e insiste em dirigir nossas vidas, poderá nos levar à falência total e absoluta, empurrando-nos cada vez mais rumo ao abismo, à escuridão.

Quando nos deparamos face a face com a derrota total, nossas grandes qualidades naturais: - **“os instintos”** - tornam-se empecilhos físicos e emocionais, pois já não são mais tão naturais como de origem. Nesse caso, a honestidade proposta aqui no quarto passo, sugere incluir uma reavaliação de vida, por meio de um mergulho profundo em nós mesmos, acompanhado de um Poder Superior para revisar o que foi para recalque, proporcionando vários questionamentos: - Como está a minha vida hoje? - Como foi minha vida na juventude, adolescência ou infância? - O que distorci diante de minha realidade? - O que me proporcionou estar assim como estou hoje? - O que posso fazer para dar a volta por cima? São questionamentos que só o próprio indivíduo pode responder.

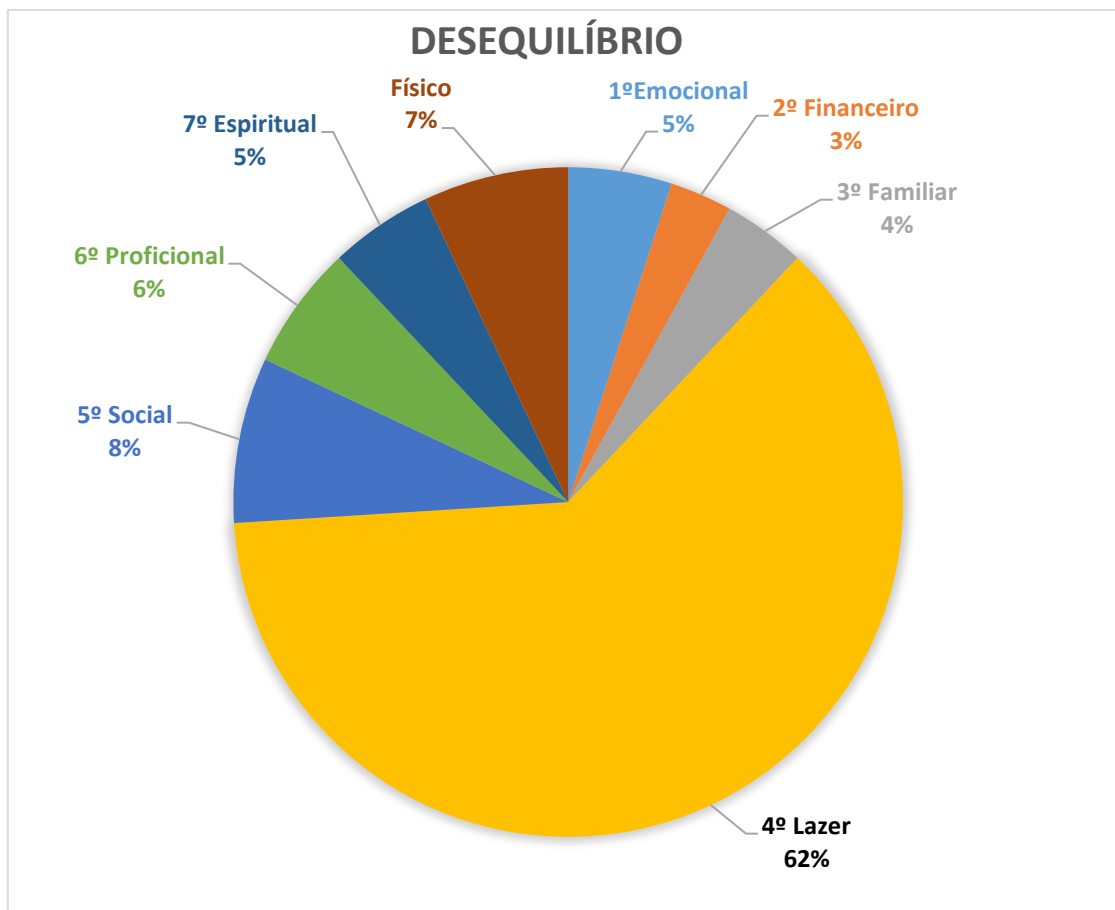
O **“QUARTO PASSO”** é um divisor de águas, ou melhor, um identificador, reconhecedor e condutor de um novo caráter. É quando o novo homem em busca de reabilitação física, espiritual e moral têm o grande desafio de adentrar em si mesmo, como um mergulho profundo e enfrentar velhos instintos, como: raiva, agressividade, rancor, auto piedade, inveja e outros que todo alcoólatra na ativa deixa transparecer.

Muitos conhecem a pizza dividida em pedaços, poderíamos parafrasear seu desenho para um melhor entendimento, vamos nomear suas fatias em: emocional; família; espiritual; social; lazer; físico; financeiro e profissional ou escolar, dentre outros.

Vejamos o quadro de alguém que está em equilíbrio: O quadro dá atenção a todas as áreas de nossas vidas de forma proporcional; é o quadro do ser perfeito. A pessoa supostamente perfeita imagina poder fazer isso.



Como nós não somos seres perfeitos, e Deus nos deu o livre arbítrio de transformar, manipular, modificar nossos instintos naturais, qual seria então o nosso quadro? O lado do lazer, por exemplo, poderia tomar conta de 3/4 em detrimento da área social, profissional, espiritual, físico, emocional, financeiro e familiar e assim sucessivamente.



Observa-se que o lado (*lazer*) está em detrimento das outras áreas. Qual seria então a proposta ideal? É importante ressaltar que dentro dos grupos de ajuda mútua e na vida social, poderíamos procurar abrir mais esse leque para que pudéssemos chegar mais próximo do quadro anterior da proporcionalidade. Somente por meio de um minucioso e destemido inventário moral de si mesmo é possível.

Quando o indivíduo não quer se recuperar, ou seja, a recuperação é de fachada, dicotômica, sua recuperação é pela vontade de um familiar ou de seu empregador, apenas flui no indivíduo o desejo de se promover, ou fazer de um grupo de terapia um fato social, "estou em terapia", "estou fazendo análise", "ou, estou participando de A.A. / N.A., NARANON / AL-ANON"; etc. O simples fato de estar frequentando uma sala de recuperação ou de estar em terapia, poderá vir a ser iludido por si mesmo, em ter encontrado a cura. Ledo engano! Recuperação não existe nesse caso.

Poderá existir sim a criação de outra situação na vida: um vazio! um vazio existencial. Esse vazio causa desmotivação, é um vazio que provoca um estado depressivo, "não existe ânimo para absolutamente nada". Esse vazio irá

proporcionar outros comportamentos desconexos, a agressividade seria um de muitos comportamentos idênticos àqueles que estavam na ativa. Estão abstêmios, não estão sóbrios. Em A.A chamamos essa condição de “bêbados secos”. O estado de abstinência provoca recaída tanto física quanto emocional, enquanto o estado de sobriedade emocional e espiritual proporciona mudanças. A neuroplasticidade emocional e espiritual proporciona novos caminhos.

Nesse caso o exercício do quarto passo é primordial, um destemido inventário moral e minucioso é indispensável. É inventariar tudo aquilo que tenho no passado que deve ser revisto, as coisas boas e ruins, os defeitos de caráter e virtudes. É entrar pelas portas dos fundos no mais profundo eu, convicto que não sou só um amontoado de coisas negativas, convicto de que tenho também um lado positivo e riquíssimo em coisas boas, os quais em grande parte dos nossos momentos solilóquios ficam no esquecimento. É a hora de reivindicar aquelas partes boas em favor de minha recuperação.

Conscientemente de que esse olhar, deve ser sempre com olhos cheios de amor e não com desdém e desprezo daquilo que não gostei de algo em mim. Ao inventariar o meu eu pela primeira vez, que não é uma tarefa fácil, é importante ressaltar que esse inventário seja contínuo, o qual poderá ser visto com mais profundidade no 10º passo. Isso é pertinente para que possamos dar continuidade com hábitos de laços afetuosos nas qualidades individuais. Enquanto aprimoramos o positivismo, criando alças resistentes para conviver com um passado que não pode ser mudado, mas sim, compreendido, entendido e perdoado por nós mesmos.

Um passado de muitas confusões diante da dependência da droga de preferência, no meu caso alcoolismo, um passado de interferência na vida do outro, não um passado de júbilo, não um passado de orgulho dos quais muitos se “*orgulham*” usando como muletas para continuar em um quadro de auto piedade. Nesse processo o indivíduo passa a ter condições de se conhecer melhor, de autoanalisar-se. Nesse processo terapêutico é necessário um passo que nos dê humildade o qual veremos no sétimo passo.

O **QUARTO PASSO** proporciona-nos descobrir exatamente como, quando e onde nossos desejos naturais foram deformados. Ao passo em que é descoberto quais são essas deformidades emocionais, pode-se nesse momento caminhar em direção à correção deles sem grande esforço pessoal. Posso usufruir de pouca sobriedade e felicidade sem que aja um minucioso e destemido inventário moral de

mim mesmo rotineiramente. A maioria dos A.As atesta que, “a fé que realmente funciona permaneceria fora do alcance, se não houvesse um exercício grandioso em busca dela”.

Antes de resolver o problema, é melhor verificar a causa, qual foi a causa básica? (dequilíbrio no meu caso), foi primordial essa constatação, mas não consegui mudanças nos instintos deturpados de um dia para o outro com as próprias forças, fez-se necessário que eu fizesse uso do segundo e terceiro passos pra que eu pudesse começar a colher os frutos diário de “**uma certa**” sobriedade, uma sobriedade sim, físico, emocional e espiritual, na sociedade, na família, junto com os companheiros em reuniões de recuperação, em terapia de grupo.

Deve-se também tomar muito cuidado, porque podemos escorregar nas desculpas do dia a dia. Para evitar um inventário moral contínuo, pode-se dizer: “- meus problemas de ansiedade foram causados pelo comportamento de outras pessoas, na verdade são aquelas pessoas que precisam fazer inventário moral, não eu”. - Considero que minhas indignações são do tipo lógico, - “eu não sou culpado pelo que acontece comigo, as pessoas não me entendem...”

A essa altura do andamento do inventário, nos valemos daquele momento da escolha do padrinho, que pode ser também um psicoterapeuta conceituado, um clérigo, um amigo. Aquele padrinho que nunca fala o que se quer ouvir, mas o que é preciso ser ouvido, que muitas vezes machuca e dói.

Quando o padrinho fala com convicção, logo nos convencemos dos porquês, das situações as quais estamos passando. Na verdade, são os portadores da experiência, os guardiões dos princípios de Alcoólicos Anônimos. Portanto, cada um de nós ao fazer seu inventário moral precisará determinar quais são seus próprios defeitos de caráter, e isso não é tarefa fácil. “*Havendo encontrado os sapatos que lhes sirvam, deveriam calçá-los e andar com a nova confiança de que finalmente está no caminho certo.*”

REFERÊNCIA:

OS DOZE PASSOS E AS DOZE TRADIÇÕES. 2. Ed. São Paulo: JUNAAB, 2015.

Por: Dalmir Vieira